

JOGO COOPERATIVO: UMA ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA RESOLVER CONFLITOS

Marcos Teodorico Pinheiro de Almeida

Resumo

A proposta deste artigo é refletir sobre o jogo cooperativo de resolução de conflitos como uma alternativa nova e desafiante ao discurso tradicional das práticas vivenciadas nas aulas de educação física das escolas públicas e privadas, seja no contexto formal e informal. Diferente do jogo competitivo, o jogo cooperativo usa um sistema de não-competição ou de adversários oferecendo assim, uma oportunidade para o diálogo construtivo que pode ser sustentado. No discurso tradicional das aulas de educação física, os participantes discutem sobre um tema com o propósito de refutar ao oponente. O Jogo Cooperativo de Resolução de Conflitos requer que os participantes construam sobre o que acrescentem o ponto de vista dos demais. O jogo cooperativo premia as respostas criativas aos argumentos de outros em vez da oposição a eles. Ao contrário ao pensamento tradicional, o jogo cooperativo de resolução de conflitos muda a **oposição a cooperação**. O objetivo dos participantes é responder juntos, planejar e construir opções inovadoras para resolver coletivamente os temas difíceis ou oposições. O jogo cooperativo serve como propósito similar. Pode investigar feitos, focar a atenção, ensinar detalhadamente sobre um tema e valorar a projeção da voz, aparência, linguagem corporal e a lógica. No jogo competitivo há um só ganhador ou ganhadores em um só lado do argumento. No jogo cooperativo de resolução de conflitos, se enfatiza o que todos ganhem e há ganhadores em ambos os lados do argumento. O ganhar do outro é substituído pela ênfase em **resolver o conflito**. A transformação de uma cultura de **conflito, violência** e de **guerra** para uma **Cultura de Paz e Não-Violência** é o maior desafio que temos em nossa frente na atualidade e no futuro.

Palavras Chaves: jogo cooperativo, conflito, educação física

APRESENTAÇÃO

O jogo cooperativo de resolução de conflitos é uma alternativa nova e desafiante ao discurso tradicional das práticas vivenciadas nas aulas de educação física das escolas públicas e privadas, seja no contexto formal e informal. Diferente do jogo competitivo, o jogo cooperativo usa um sistema de não-competição ou de adversários oferecendo assim, uma oportunidade para o diálogo construtivo que pode ser sustentado. No discurso tradicional das aulas de educação física, os participantes discutem sobre um tema com o propósito de refutar ao oponente. O Jogo Cooperativo de Resolução de Conflitos requer que os participantes construam sobre o que acrescentem o ponto de vista dos demais. O jogo cooperativo premia as respostas criativas aos argumentos de outros em vez da oposição a eles. Ao contrário ao pensamento tradicional, o jogo cooperativo de resolução de conflitos muda a **oposição a cooperação**. O objetivo dos participantes é responder juntos, planejar e construir opções inovadoras para resolver coletivamente os temas difíceis ou oposições. O jogo cooperativo serve como propósito

similar. Pode investigar feitos, focar a atenção, ensinar detalhadamente sobre um tema e valorar a projeção da voz, aparência, linguagem corporal e a lógica. No jogo competitivo há um só ganhador ou ganhadores em um só lado do argumento. No jogo cooperativo de resolução de conflitos, se enfatiza o que todos ganhem e há ganhadores em ambos os lados do argumento. O ganhar do outro é substituído pela ênfase em **resolver o conflito**. A transformação de uma cultura de **conflito, violência e de guerra** para uma **Cultura de Paz e Não-Violência** é o maior desafio que temos em nossa frente na atualidade e no futuro. No manifesto 2000 da UNESCO por uma **Cultura de Paz e Não-Violência** milhões de pessoas de diversos países e de diferentes culturas assinaram este manifesto e se comprometeram a cumprir os seis pontos básicos: 1) Respeitar a vida; 2) Rejeitar a violência; 3) Ser generoso; 4) Ouvir para compreender; 5) Preservar o planeta; 6) Redescobrir a solidariedade. Como comenta Diskin & Roizman (2002, p.12),

E, logicamente, é impossível que todo mundo pense do mesmo jeito: alguns gostam do verão, outros preferem o inverno... O problema começa quando resulta difícil aceitar o ponto de vista do outro. Perdemos a paciência, nos tornamos intolerantes, discutimos e, sem querer, podemos utilizar a violência para lidar com esse conflito. Em uma atitude imediatista e impensada, corremos o risco de desrespeitar a vida, machucando nosso semelhante com palavras, gestos, atitudes... É exatamente assim que começam as brigas e as guerras. E é justamente esta espiral de violência que queremos eliminar. Apresentamos neste livro, reflexões e jogos onde todos ganham se cooperar. O jogo cooperativo é uma forma alternativa para meninos e meninas aprenderem a resolver os conflitos de forma não violenta nas aulas de educação física. Os jogos cooperativos são uma opção educativa para os professores de educação física, educadores e pais estimularem uma educação de paz e em valores. Onde conteúdos como: auto-estima, tolerância, cooperação, altruísmo, paz, inclusão, ajuda, confiança entre outros, podem ser abordados de forma lúdica e criativa, além de brincar e aprender. A escola e a família necessitam urgentemente introduzir em seus processos educativos propostas inovadoras de conteúdos que tratem de temas como: exclusão, sexismo, belicismo, xenofobia, racismo, egocentrismo, etc. O brincar pode ser um conteúdo impar para refletir sobre estes temas com as crianças. Podemos na escola e na família construir mentes de paz e para paz. Quando falo de paz, falo de uma paz positiva! Creio que a paz não é a ausência de conflitos, a paz é uma forma madura das pessoas resolverem os conflitos. Uma criança capaz de resolver seus próprios conflitos através de formas não violentas, será possivelmente um adulto capaz e maduro para exercer a paz. Já realizamos experiências significativas e positivas com estes jogos no mais diferentes contextos e grupos. Para mim é uma grande alegria em ver o rosto das pessoas e em especial das crianças, quando percebem que é possível brincar de outra forma, que não seja a competitiva ou de oposição, onde só tenha um ganhador ou alguns ganhadores. Espero e desejo que este artigo possa inspirar e estimular a cada um de vocês a construir um mundo de paz e com gente de paz.

O QUE É CONFLITO?

Conflito é a oposição ou desacordo entre pessoas em relação com um mesmo assunto ou tema. Resolver os conflitos nos ajuda a crescer, evoluir e madurecer como pessoas. A resolução de conflitos através do brincar é um método indutivo de aprendizagem baseado na busca e descobrimento, por parte das crianças, dando respostas e soluções as questões planejadas em torno do problema. A resolução de problemas pode ser planejada em contextos de atuação individual, porém, como

assinalam diversos autores, mas também pode ser planejada em um contexto de ação coletiva, oferecendo ótimas oportunidades e possibilidades. A paz não é a ausência de conflitos, é a capacidade de resolvê-los sem prejudicar ao outro ou a si mesmo. Uma criança madura para o conflito é uma criança madura para a PAZ. (Adaptado por Almeida, 2007). A primeira iniciativa para a solução de um problema sempre é o **detectá-lo e aceitá-lo** como tal. A primeira condição é fácil de alcançar; qualquer pode perceber, salvo em contados casos, que algo anda logo que nas relações do grupo, especialmente quando se produzem feitos de óbvio antagonismo ou agressões verbais ou físicas. Aceitar que o problema é importante e que merece ser resolvido costuma ser mais difícil, já que nem sempre as partes estão de acordo sobre a relevância do conflito: quem agride ou discrimina a outros se escusa a miúdo minimizando seus atos, enquanto a vítima tende naturalmente a exagerar a ofensa recebida. Nesta primeira etapa, então, deverá explorar profundamente a percepção pessoal que cada um tem do problema, definir com total clareza até alcançar o consenso adequado a respeito de sua importância. É evidente que isto deverá fazer-se através da conversação e de diálogo, e por isso é vital que se ponham em jogo as melhores aptidões de comunicação: A) **Respeito** pelos pontos de vista alheios mesmo que o seu não se coincida com o outro; B) **Tolerância** e ajuda para com os membros do grupo que tenham dificuldades ao expressar-se; C) **Paciência** e boa vontade para escutar aos outros. Certas atitudes pessoais são necessárias, além das anteriores:

- **Auto-controle:** Não deixar-se levar pela ira ante opiniões que são adversas.
- **Confiança:** Presumir sempre a honestidade e a sinceridade nos outros.
- **Honestidade:** Dizer sempre a verdade e ser sinceros ao expressar opiniões.
- **Humildade:** Admitir desde o princípio que jamais poderemos ter toda a razão.

O espírito de grupo deve prevalecer nesta etapa, e em geral durante todo o processo de resolução de um conflito. O grupo deve sentir-se unido, se não nas opiniões ou nos julgamentos de seus membros, na convicção que deve ser encontrada uma solução para benefício de todos. É conveniente que cada um fortaleça este conceito recordando que o **bem coletivo** está acima do **bem individual**; que o problema é de todos, não só das partes, e que além das necessidades dos antagonistas há um grupo de pessoas que reclama um acordo como condição indispensável para restabelecer a harmonia. Por conseguinte, a educação orientada a acabar com as guerras há de combinar o espírito crítico e a capacidade de resolver os conflitos por métodos incruentos. A educação para a paz vê o conflito como um de seus principais objetivos e o tomada como referência e ponto de partida para a seguinte reflexão: **sabemos**

resolver os conflitos? O conflito costuma considerar-se negativo porque o percebemos através das conseqüências destrutivas que tem a forma habitual de resolvê-los. Entramos no conflito com uma atitude de competitividade. Conflito não é igual a violência, é algo habitual nas relações entre grupos sociais e interpessoais. É a interação de pessoas com objetivos incompatíveis. **A violência supõe a ruptura, a negação do conflito**, supõe optar por resolvê-lo de forma destrutiva. Na resolução do conflito está o caminho para conseguir a paz. Negamos assim a idéia de paz passiva como ausência de conflitos e assumimos o conceito de paz positiva, de resolução não violenta de conflitos, é um processo não uma meta. A práxis da Educação para a paz é aprender a descobrir e a enfrentar os conflitos para resolvê-los adequadamente. A resolução de problemas é um método indutivo de aprendizagem baseado na busca e descobrimento, por parte dos alunos, dando respostas e soluções as questões planejadas em torno do problema. A resolução de problemas pode ser planejada em contextos de atuação individual, porém, como assinalam Moston e Ashworth (1996, p.254), mas também pode ser planejada em um contexto de ação coletiva, onde segundo eles, oferece ótimas oportunidades. Para eles, quando um grupo tem o mesmo objetivo, ou um problema comum para resolver, se reúne forças em dimensões incríveis para produzir soluções. A participação do grupo na resolução de problemas é a única condição que leva aos âmbitos social, emocional e cognitivo a interação com grande intensidade e equilíbrio. Este processo de interação, para conseguir uma solução para benefício de todo um grupo, implica no equilíbrio nos seguintes componentes:

1. Oportunidade de que todos os alunos podem sugerir soluções;
2. Oportunidade de provar a solução de qualquer um;
3. A negociação e modificação de soluções;
4. O esforço do grupo com respeito à solução aceita;
5. A tolerância do grupo com respeito à solução não aceita;
6. Um clima de inclusão.

A resolução de problemas em grupos cooperativos nos leva a importantes conseqüências educativas, tais como:

1. Produção de novas idéias;
2. Estimular cognitivamente as suas capacidades para resolver problemas e buscar soluções. Neste sentido, abre caminhos para o pensamento divergente e criativo;
3. A tarefa se converte em um processo coletivo de indagações onde as potencialidades cognitiva, motriz, social passam a ser uma só;
4. A transferência da decisão ao grupo durante os conflitos cria oportunidades para compartilhar idéias e confrontá-las com as demais. Deste modo, as conquistas são resultados do diálogo, da negociação e vivência dentro do grupo;
5. A satisfação do êxito é compartilhada coletivamente.

Com os métodos de aprendizagens nos jogos cooperativos ninguém perde, ninguém é excluído ou isolado por causa de alguma deficiência de qualquer ordem ou porque cometeu um erro, dentro de uma aprendizagem cooperativa todos ganham e todos participam, onde o elemento fundamental é compartilhar mutuamente o

sentimento de responsabilidade social, de respeito, de fraternidade e de solidariedade dentro de um contexto lúdico e prazeroso. Este tipo de sentimento leva as pessoas a perceber a interdependência existente entre tudo e todos.

RESOLUÇÃO DE CONFLITOS: CARACTERÍSTICAS E PROCEDIMENTOS

Para resolver conflitos necessitamos: a) Não ficar nervoso; b) Pensar no que aconteceu. Quando conseguimos resolver os conflitos: 1) Ficamos bem; 2) Passamos a ter uma boa convivência com nossos colegas; 3) Temos a certeza que as soluções foram justas para todos. O que devemos fazer em uma situação de conflito: a) Negociar; b) devemos cooperar; c) Devemos mediar. E o que não devemos fazer: a) Evitar o conflito; b) Competir; c) Ceder. Em um conflito não é importante: **1) Ser agressivo:** a agressão é **negativa**, não só para quem a **recebe** é também para seu **autor**; **2) Competir:** impor nosso ponto de vista sem **escutar** o(s) outro(s). Em um conflito devemos ter em conta duas estratégias simples: 1) Devemos dialogar para chegar a um **acordo**; 2) Acordo tem que **favorecer** ambas as partes. Para conseguir estas metas anteriores são necessários dois aspectos de intervenção no conflito: 1) **Negociar:** processo de discussão para chegar a um acordo **aceitável** para todos. **O coletivo tem** que estar **satisfeitos**; 2) **Mediar:** Um **terceiro elemento** que ajuda as partes chegarem a um acordo. Acreditamos que quando um grupo tem o mesmo objetivo, ou um problema comum para resolver, se reúne forças em dimensões incríveis para produzir soluções. A participação do grupo na resolução de problemas é a única condição que leva aos âmbitos social, emocional e cognitivo a interação com grande intensidade e equilíbrio. Este processo de interação, para conseguir uma solução para benefício de todo um grupo, implica no equilíbrio nos seguintes componentes:

1. Oportunidade de que todos os alunos podem sugerir soluções;
2. Oportunidade de provar a solução de qualquer um;
3. A negociação e modificação de soluções;
4. O esforço do grupo com respeito à solução aceita;
5. A tolerância do grupo com respeito à solução não aceita,
6. Um clima de inclusão.

A resolução de problemas em grupos cooperativos nos leva a importantes conseqüências educativas, tais como:

1. Produção de novas idéias;
2. Estimular cognitivamente as suas capacidades para resolver problemas e buscar soluções. Neste sentido, abre caminhos para o pensamento divergente e criativo;
3. A tarefa se converte em um processo coletivo de indagações onde as potencialidades cognitiva, motriz, social passam a ser uma só;
4. A transferência da decisão ao grupo durante os conflitos cria oportunidades para compartilhar idéias e confrontá-las com as demais. Deste modo, as conquistas são resultados do diálogo, da negociação e vivência dentro do grupo;
5. A satisfação do êxito é compartilhada coletivamente.

O brincar tem algumas características cognitivas que contribuem para aprendizagem e conseqüentemente na construção do conhecimento. Ao brincar a criança elabora esquemas que estabelece uma atividade conjunta e compartilhada onde demanda delas uma ação lúdica em três possibilidades: 1) Na colaboração; 2) Na

cooperação; 3) A coordenação de ações lúdicas compartilhadas. Estas possibilidades devem ser utilizadas na busca de soluções em situações problemas ou na resolução de conflitos estabelecidas no brincar infantil. Algumas estratégias para uma boa negociação de conflitos na hora do jogo:

1. Recolher a **informação** - a informação deve ser:
 1. Objetiva.
 2. Sistematizada.
 3. Selecionado.
 4. Classificada
 5. Analisadas detalhadamente
2. Definir o **problema** - se definimos o problema podemos conhecer e levar em conta as necessidades dos demais.
3. Buscar **alternativas** - devemos estimular as pessoas implicadas no conflito a buscar e propor idéias ou alternativas.
4. Imaginar **conseqüências** – imaginar o que aconteceria se este conflito não for resolvido
5. Tomar uma **decisão** - recordar o conflito, as alternativas e suas conseqüências. Encontrar uma solução aceitável.
6. Criar uma **mudança** - criar uma norma a partir do conflito. Aprender com o conflito.

Algumas pautas reflexivas e de condutas para os educadores infantis abordar os conflitos em situações lúdicas:

1. Descrever o conflito.
2. Explicar a historia: origem, evolução e situação atual.
3. Descrever o contexto em que acontece.
4. Apresentar as partes que se encontram em conflito.
5. Analisar o que originou.
6. Orientar positivamente o conflito.
7. Buscar propostas para solucionar de forma justa.
8. Avaliar as alternativas imaginando as conseqüências.
9. Tomar uma decisão.
10. Aplicar a solução adotada.
11. Avaliar os resultados: curto, médio e longo prazo.

O educador deve estar atendo a duas situações:

A) O que fazer - quando a criança quer chamar a atenção: 1) Reconhecer a individualidade de cada criança; 2) Atender a cada criança como alguém especial; 3) Valorizar o que ela faz e o que tem de melhor; 4) Invitando a que expresse suas necessidades.

B) O que fazer - quando a criança tem a necessidade de ter amigos: 1) Ensinar a reconhecer os sentimentos dos demais; 2) Aprender a não culpar ninguém a menos que tenha visto a cena; 3) Fomentando sua seguridade e auto-estima; 4) Perguntar que necessitam para jogar em paz; 5) Não se preocupar se o que faz, gosta ou não, os nossos colegas.

A prática em resolver conflitos nos cria confiança e habilidade. Com a prática e a confiança, as crianças podem enfrentar os conflitos em duas perspectivas: 1) Aprendem a resolver conflitos de forma cooperativa em uma situação lúdica, e educam-se em os valores para a convivência sustentável. 2) Serem crianças capazes de cumprir com seus deveres e exercer seus direitos como cidadãos de uma sociedade aberta e plural. A importância do pacto na resolução de conflitos no brincar: a) O pacto é um recurso para prevenir e solucionar problemas; b) Fazer um pacto supõe que reconhecemos os problemas e opiniões do outro e buscamos uma solução que satisfaça a ambas as partes; c) Quando o pacto se rompe, podemos revisar o pacto, estabelecer novos pactos etc. O educador deve ter em conta e bastante cuidado nos seguintes temas:

1. O castigo tem sentido se corresponde com a falta cometida e melhora a convivência geral;
2. É importante racionalizar as normas com as crianças e que as assumam conscientemente, comprometendo-se a cumpri-las;
3. A criança deve assumir consequências concretas relacionadas com a falta cometida, sempre proporcional e flexível.

Com melhorar a convivência lúdica infantil em um espaço estruturado para brincar:

1. As soluções de muitos problemas podem ser evitadas modificando a organização dos espaços e dos materiais lúdicos ou melhorar a prevenção.
2. Ter como princípio básico de regulação do conflito, que o direito de brincar é para todos e todas e que o lúdico é de uso universal.
3. É importante estabelecer uma estratégia geral para solucionar o conflito, criar algumas regras, hábitos de convivência com funcionamentos claros e simples.
4. Quando alguém rompe ou quebra as normas (regras) buscamos uma solução positiva ao problema.

Acreditamos que soluções cooperativas em situações de conflitos no brincar pode ser uma estratégia educativa, criativa e libertadora. Em nosso ponto de vista solucionar conflitos de forma cooperativa é um recurso que favorece e estimula o desenvolvimento das capacidades pessoais e humanas dos atores envolvidos. Quando falamos em cooperação estamos nos referindo aos métodos de aprendizagem de cooperação através dos jogos cooperativos que permitam aos participantes potencializar as seguintes características: 1) Satisfação dos Participantes; 2) Autoconceito Positivo; 3) Atribuição Interna; 4) Comunicação; 5) Criatividade; 6) Competência Motriz; 7) Aceitação dos Companheiros; 8) Convivência Intercultural. Nós educadores podemos intervir no brincar infantil nos seguintes âmbitos:

- Afirmação pessoal e de **auto-estima**;
- Cultivo da **confiança mútua**;
- Desenvolvimento das capacidades **comunicativas** para **compartilhar** sentimentos, informação e experiências;
- Construção de um **grupo** que **apóie** a seus membros;
- Adoção de uma **atitude positiva** diante da vida e dos feitos cotidianos.

O professor pode criar alguns critérios metodológicos **baseado em um enfoque**

sócio-afetivo: partindo da idéia de que o ensino supõe algo mais do que a transmissão de informação. Tem que ter um componente afetivo e experiencial. Assim as atividades das aulas, os conflitos e situações se convertem em experiências que se analisam e sempre que possível generalizam-se em situações da vida cotidiana dos envolvidos no processo. Estes critérios podem ser: flexível; criativo; ativo; indutivo; participativo; integrador; inclusivo; motivador e especialmente **LÚDICO**. Além dos critérios sugeridos anteriormente o professor pode utilizar diferentes técnicas metodológicas de trabalho como: 1) Instrução direta; 2) Reprodução de modelos; 3) Gincanas de tarefas; 4) Formação de grupos em níveis; 5) Ensino cooperativo; 6) Descoberta guiada ou induzida.

PROCEDIMENTOS PARA ENSINAR A RESOLVER CONFLITOS

Apontamos no quadro abaixo alguns procedimentos importantes para tentar resolver os conflitos.

PROCEDIMENTOS IMPORTANTES PARA TENTAR RESOLVER OS CONFLITOS	
1. Fases para a resolução do conflito:	<ul style="list-style-type: none"> ● Criação de um clima favorável; ● Distanciar dele e ficar calmo; ● Definir o conflito; ● Descrevê-lo: pessoas implicadas, origem, desenvolvimento, situação atual; ● Integrar toda a informação necessária; ● Estabelecer objetivos, segundo os resultados desejados; ● Desenhar possíveis soluções e propostas levando em conta as conseqüências positivas ou negativas; ● Escolher uma solução; ● Elaborar um plano para aplicá-lo, passagens de ação; ● Responsabilizar-se para levá-lo à prática; ● Avaliar, valorar, os resultados obtidos.
2. Ensinar a detectar e modificar você distorções cognitivas:	<ul style="list-style-type: none"> ● Sensibilizar sobre a importância que tem o que pensamos sobre o que sentimos e fazemos, em nossas dificuldades para conseguir o que queremos; ● Ajudar a detectar pensamentos distorcidos: absolutismo (tem que ser assim), pensamento dicotômico (se não é bom, é mau), sobre generalização (todos são iguais), fatalismo (tudo me sai logo que), confusão das emoções com a realidade (sinto isto, depois isto é assim), riscos de interpretação (não se leva em conta todos os fatores); ● Ensinar pensamentos alternativos aos desafios que se querem superar.
3. Estimular a empatia e a adoção de perspectivas:	<ul style="list-style-type: none"> ● Fazendo atividades que impliquem a representação de uma mesma situação mudando a perspectiva; ● Colocar-se em lugar das diferentes pessoas implicadas; ● Adotar a perspectiva de um observador imparcial; ● Considerar o ponto de vista da comunidade; ● Estabelecer uma hierarquia de prioridades entre os direitos em conflito; ● Dramatização de papéis antagônicos, representação do próprio papel (para antecipar o futuro, para eliminar você distorça passadas).
4. Sugestões de atividades para a resolução de conflitos:	<ul style="list-style-type: none"> ● Estudo de conflitos; ● Busca de notícias sobre situações conflitos, classificá-los

	<p>(sociais, políticos, bélicos);</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Investigação de um conflito (as causas que provocaram); ● Quais as principais causas dos conflitos; ● Conflitos de nosso âmbito, território. ● Escrever um artigo descrevendo: feitos, opiniões, soluções, etc.; ● Visualizar e analisar conflitos próximos através de dramatizações, marionetes, jogos de rol; ● Círculos para compartilhar idéias ou sentimentos sobre uma foto, um fato, uma música; ● Jogos de tomada de decisões rápida; ● Historias que representem situações de conflitos e como resolver ou solucionar; ● Análise de filmes, documentários que resolvam conflitos; ● Representações através da dramatização; ● Finais diferentes para histórias de conflitos logo que resolvidos; ● Jogos cooperativos com desafios coletivos; ● Jogos motrizes cooperativos; ● Jogos de tabuleiros cooperativos.
--	--

A DIVERSIDADE NAS SALAS DE AULA

Tentando valorizar os fatores que influem na aparição dos conflitos em nossas aulas e o que dificultam nossa prática docente chegamos à conclusão que a maior fonte de problemas tem sua origem na diversidade dos alunos, presente em todos os aspectos de cada pessoa, de cada aluno e aluna. Como cita Pujolàs (2001), que cada escola, cada educador tem que buscar uma forma de organizar o currículo metodologicamente de maneira que todas as diferenças possam conviver pacificamente em um ambiente de investigação, trabalho e aprendizagem. *“A verdadeira responsabilidade da educação é revelar à criança toda a beleza da vida, e há grande beleza na arte, na literatura, na ciência, na matemática, na música, nos jogos e nos esportes, na natureza e nos relacionamentos.”* P. Krishna (2006, p.24). Para P. Krishna (2006, p.21-22) a receita para um a boa educação não pode ser idêntica em todos os países. Cada cultura, cada local, cada escola devem trabalhar de maneira particular. Mas segundo ela é possível traçar um modelo geral de intervenção pedagógica, em linhas amplas podemos como educadores:

- Criar uma mente global, não uma mente nacionalista;
- Enfatizar o desenvolvimento humano, não apenas o econômico;
- Cultivar a cooperação, não a competição;
- Criar uma mente que aprenda, em vez de uma mente gananciosa;
- Uma mente científica e religiosa no verdadeiro sentido.

A cooperação, pelas suas características em o que respeita às estruturas da atividade, a autoridade, a meta, ou a recompensa, é uma metodologia que se adapta bem à diversidade. Mas, além disso, permite a inclusão explícita de uma educação em valores como a tolerância, o respeito, a solidariedade, a cooperação, etc., assim como das habilidades sociais que resulta imprescindível para evitar a violência na resolução dos conflitos.

O CONFLITO NA SALA DE AULA E NA VIDA

No desenvolvimento desta epígrafe seguiremos a Paco Cascón Soriano. Não é costume falar de evitar o conflito já que todo crescimento pessoal se produz após uma situação de crises, de reorganização interna de peças que não encaixam e que talvez até choquem entre si. É consubstancial à própria diversidade humana e em multidão de ocasiões nos teremos que enfrentar a ele levando na bagagem nossa resistência à mudança, por um lado, e nossa falta de recursos ou formação para a resolução pacífica dos mesmos por outro. Qual é, então, nosso papel como docentes ante os conflitos que surgem na sala ou em outros ambientes escolares? Paco Cascón propõe transformar nossa percepção ante eles para uma visão positiva e pedagógica dos mesmos: o conflito se transforma em uma ferramenta para a mudança social, para avançar para uma cultura da paz, é uma oportunidade para aprender a resolvê-lo e cada conflito solucionado autonomamente dará ao alunado a capacidade de tramitar pacificamente outros no futuro. O professor poderá mediar, educar nos modos de resolvê-lo, buscar, dialogar, propor soluções, ou ajudar a encontrá-las e tratar de fornecer aos alunos as destrezas necessárias para conviver com o conflito e fazer deste uma ferramenta para o crescimento e a melhoria pessoal. Se as soluções ante as crises se impõem de cima (por parte do professor) por meio de julgamentos, arbitragens e sanções, o processo pedagógico se detém. Este tipo de medidas se tomada quando o conflito já sucedeu em uma situação violenta ou pouco desejável, mas é possível abordá-lo previamente, inclusive prevenir desenlaces violentos. Por outro lado a quem beneficia a sanção? À vítima? Ao aluno ou aluna que se salta a norma? À pequena sociedade que formamos que convivemos na escola? Em muitas ocasiões as sanções são distantes ou não se relacionam diretamente com os comportamentos que a provocaram (exemplo: quebro uma porta e me expulsam), além disso, só se cumprem se quem castiga está pendente. A impunidade ou ausência de conseqüências também não é o caminho. Para Cascón, uma vez estabelecidos os conflitos violentos, seria fundamental trabalhar na seguinte linha de intervenção: 1) O **reconhecimento** da falta; 2) Assumir da **responsabilidade**; 3) **Reparação** do dano (se há uma vítima pessoal haverá que negociar com ela a forma de fazê-lo, mediante um acordo).

ABORDAR A EDUCAÇÃO PARA O CONFLITO DESDE A EDUCAÇÃO FÍSICA

A educação física é uma área particularmente interessante para abordar o conflito pelo seu caráter socializador, porque se desenvolve em um marco lúdico e motriz de inter-relação no qual aflora o lado emocional do aluno. As discrepâncias surgem a miúdo e existe a possibilidade de trabalhar com conflitos reais no momento em que se produzem, podendo abordá-los desde seus primeiros estádios, ou inclusive antes que se produzam, sem esperar a que explodam como uma crise difícil de acometer. Assim poderemos trabalhar sobre eles em um clima pouco crispado, com o tempo, podemos analisar e buscar soluções criativas para aplicar no presente e no futuro, quando surja a necessidade. Em outras áreas haverá que buscar espaços e tempos que dedicar a este tipo de conteúdos. Segundo Darido (2001), os jogos cooperativos apresentam-se, na área da Educação Física, como uma nova tendência e como uma proposta diferente das atuais, já que valorizam a cooperação ao invés da competição. Os profissionais dessa área vêm se mostrando preocupados com o uso dos jogos em suas aulas, visto que a Educação Física é influenciada historicamente pela competição, através dos esportes de rendimento. Assim, a proposta dos jogos cooperativos na

educação física: “*vem se revelando como a mais nova e mais adequada tendência ou concepção da Educação Física Escolar na busca por projetos educacionais não competitivos*” (Correia, 2006, p.150).

No entanto, percebemos que outras áreas do conhecimento começam a debater e refletir acerca dos jogos cooperativos, já que o uso do jogo, no contexto escolar, pode ser compreendido como uma forma de propiciar aprendizagens de determinados conceitos, além de proporcionar prazer e diversão, desenvolvendo o pensamento reflexivo e a interação. Nessa perspectiva, além de os jogos possibilitarem o desenvolvimento cognitivo, atuam também como agentes de transformação, mudança e incorporação de conceitos e valores. Os fundamentos teóricos sobre os jogos, voltados ao desenvolvimento infantil, podem ser encontrados em variados estudos de teóricos como: Piaget, Vygotsky, Wallon, Bruner, entre outros. Esses autores demonstram a importância do brincar para o desenvolvimento do ser humano em especial na vida da criança. Na busca de objetivos de aprendizagem é importante que os alunos tomem consciência do que se pretende. Consideramos uma necessidade a clareza e manifestação deste tipo de objetivos, assim como a explicação, ou mais bem o consenso sobre algumas das técnicas para resolver os conflitos ou os problemas que possam ir surgindo no meio de cada grupo. Serão muito mais efetivas se as propostas provêm do próprio grupo de alunos já que tem maior capacidade para ativar os esquemas mentais próprios da idade (por proximidade) e que as reflexões sejam realizadas pelo o professor com seus esquemas de pensamento mais evoluídos e, portanto, mais distantes.

As propostas em comum nas quais os alunos descrevem o conflito e há propostas para solucionar sendo uma boa opção. Por outro lado, como indica Omeñaca (2001), estas reuniões grupais resultam um bom lugar para destacar os aspectos conquistados pelo coletivo e felicitar por eles, favorecendo um clima de auto-superação. É importante que aluno tenha a oportunidade de tomar decisão a favor ou contra das situações conflitos que acontecem durante as aulas. Outro momento privilegiado para explicitar conteúdos e objetivos ou de outro tipo é o da avaliação. Anteriormente falamos da importância da detecção precoce e o tratamento dos conflitos, antes que estes se transformem em uma crise violenta. Os questionários de auto e co-avaliação são ferramentas privilegiadas para a reflexão sobre atitudes e comportamentos desejáveis e não desejáveis, além de ser um recurso impar na participação democrática e cooperativa na gestão da autoridade nas unidades didáticas. Nas atividades cooperativas é necessário empregar a técnica do consenso para a tomada das decisões, a coordenação do trabalho, os casos em comum, etc. As propostas anteriores facilitam a comunicação entre o aluno e o professor, e a transformam em uma exigência. Estabelece-se a necessidade de empregar uma linguagem e formas de diálogo assertivas, estas se experimentam em princípio com jogos ou atividades de certo modo irrelevantes emocionalmente, convertendo-se em um bom treinamento para a comunicação diante dos conflitos, que sim, têm importância para quem estão dentro. A cooperação passa a ser uma opção metodológica preventiva e mediadora. Os professores devem usar uma linguagem cooperativa na sala por parte de todas as pessoas que compartilham o espaço, no qual se evitem as comparações entre os alunos, assim como, expressões que favoreçam diferentes tipos de agressão verbal ou que possam provocar sentimentos negativos em outras pessoas. Não convém deixar passar situações não desejáveis de violência física, verbal ou atitudes para qualquer outra pessoa. Quando surge um conflito com conotações violentas, podemos tratar de resolvê-lo isoladamente (no momento), ou adiar, e buscando soluções no momento da reunião final com todo o grupo, solicitando

de que estejam os implicados e que o comentem com todos e destaquem as situações aceitáveis, desejáveis ou impugnáveis. As estratégias são diversas e serão escolhidas em função das necessidades e disponibilidades que cada educador encontre em cada momento. Aqui se expõem umas poucas que podem dar bons resultados, mas como sabemos, não existem receitas prontas para resolver conflitos, cada professor com o tempo irá construir suas regras e propostas, somos conscientes que a prática levará a cada profissional a encontrar aquelas que se ajustem a suas necessidades e ao seu interesse. A opção da educação para a paz implica em escutar e aceitar diferentes opiniões e modos de trabalho. O aluno participa muito, porque compreende que seu trabalho não só é imprescindível, mas também é valorizada, implica aprender outras formas de trabalhar e organizar as aulas (o qual requer tempo e esforço), mas em breve se apreciam resultados no clima da aula e a diminuição dos conflitos.

A EDUCAÇÃO PARA A PAZ E OS JOGOS COOPERATIVOS

Desde uma perspectiva de Educação para a Paz se realiza uma análise da sociedade na qual vivemos como um lugar extremamente competitivo no que sobressaem e se transmitem por diversos canais uma série de valores opostos a uma cultura de paz, relacionamos abaixo algumas palavras citadas por Jarés (2002):

1. A falta de solidariedade frente à solidariedade;
2. A desconfiança frente à confiança;
3. A falta de comunicação frente à comunicação;
4. Desvalorização frente à valorização;
5. O individualismo frente à comunidade;
6. A indiferença frente ao compromisso.

Segundo este mesmo autor, e em geral desde o ponto de vista dos coletivos para a paz é preciso questionar estas dicotomias provocando o conflito entre elas através, entre outros recursos didáticos, dos jogos cooperativos. E isso por três razões, fundamentalmente: **primeiro** porque o jogo acompanha o ser humano ao longo de toda sua vida e em todas as culturas; **segundo**, porque em os primeiros anos é o recurso fundamental de aprendizagem, no qual jogo e vida se confundem; e **terceiro** porque como assinalam diversas autorias, os jogos cooperativos se fundamentam em:

- A participação e a igualdade dentro do grupo;
- Estimulam a cooperação e a não concorrência já que todo o mundo ganha se alcança o objetivo, ou perde se não se consegue;
- Reforça a criação de grupo, aspecto fundamental para qualquer especialista em Educação para a Paz, e sobre o qual incidiremos mais antecipe;
- Se procura incluir, não excluir (se evitam expulsões, eliminações e menosprezos);
- Compete-se contra elementos não humanos no jogo para alcançar objetivos, em lugar de competir entre si;
- Liberam das pressões inibidoras provenientes da competição já que o fundamental é a participação com o objetivo do prazer que proporciona o jogo e não pela busca do prêmio;
- Sua ductilidade lhes permite adaptar-se às diferentes idades, você ambiente e grupos sociais;

- Facilitam a abertura ao resto do grupo e a comunicação respeitosa entre seus membros;
- Boa parte dos jogos não precisa de materiais, ou se adaptam à utilização de material reciclado, por isso rompem com esquemas consumistas e são adaptáveis a todos os ambientes sociais;
- Facilitam o riso e a diversão.

Pensamos como Xesús R. Jarés, que nos objetivos dos jogos cooperativos devem estar sempre presentes quatro elementos que consideramos básicos:

1. Desenvolver estratégias de jogo que impliquem cooperação e resolução de conflitos;
2. Sensibilizar sobre a dinâmica Cooperação-Competição;
3. Pôr em causa a premissa de que para jogar e divertir há que competir;
4. Fomentar a participação de todos, criando uma sensação de comunidade ou de coletivo.

De acordo com Lia Diskin (2007), podemos verificar em vários estudos já realizados e pesquisas etológicas, que a origem de nossas violências não pode ser justificada e atribuída única e exclusivamente as à nossa herança animal, como salienta a Declaração de Sevilha sobre a Violência, fruto do encontro de cientistas de diferentes disciplinas para analisar a questão, promovido pela UNESCO em 1986, na Espanha. Neste documento se conclui que:

“É cientificamente incorreto dizer que a guerra, ou qualquer outro comportamento violento, é geneticamente programado na natureza humana. Embora os genes estejam envolvidos em todos os níveis do funcionamento cerebral, eles oferecem um potencial de desenvolvimento que só pode ser concretizado em conjunto com o meio ecológico e social”. (Texto publicado no Guia de Cultura de Paz, 1ª edição, São Paulo, 2007.)

O JOGO COOPERATIVO E COMPETITIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA UMA ALTERNATIVA PEGAGÓGICA

Segundo Pérez, E. (1998), a agressividade é um componente cada vez mais presente na vida cotidiana e no contexto escolar, às vezes se manifesta em forma física, às vezes em forma verbal. Os Jogos Cooperativos são propostas que buscam diminuir as manifestações de agressividade nos jogos promovendo atitudes de sensibilização, cooperação, comunicação e solidariedade. Facilitam o encontro com os outros e o aproximando à natureza. Buscam a participação de todos, predominando os objetivos coletivos sobre as metas individuais. As pessoas jogam com outros e não contra os outros; jogam para superar desafios ou obstáculos e não para superar aos outros. Segundo Vanzán, J. (2000), se fizéssemos um balanço de nossas experiências lúdicas infantis, na escola ou fora dela, podemos afirmar que quase todos os jogos e brincadeiras, tinham estruturas competitivas. Nem sempre os programas de Educação Física brindavam em seus conteúdos e currículos com atividades que promovam interações positivas, solidariedade, inclusão colaborando para que a competição deixe de ser um comportamento condicionado para que se perceba que existem outras formas mais positivas para jogar, de interagir com as pessoas e com a natureza. Por estas duas razões, os jogos cooperativos devem reunir as seguintes condições na sua aplicação:

- Os jogos não devem favorecer nenhuma forma de agressão: a estrutura do jogo não tem por que colocar formas de confronto: individual ou coletiva. (Formoso, 2001)
- O jogo proposto pelo docente deve buscar a participação de todos, sem que ninguém fique excluído, independentemente das características, condições, experiências prévias ou habilidades pessoais; onde a proposta e o clima prazeroso que gera estão orientados para metas coletivas e não para metas individuais; deve estabilizar-se na união e a soma de aportes individuais e não no "uns contra outros". (Orlyck,1990).
- A proposta coloca a participação de todos para alcançar um objetivo comum; a estrutura assegura que todos joguem juntos, sem a pressão que gera a concorrência para alcançar um resultado; ao não existir a preocupação por ganhar ou perder, o interesse se centra na participação. Desde o ponto de vista educativo, o interesse se centra no processo e não no resultado. A proposta se alcança, porque o processo como elemento central de atenção, permite contemplar os tempos individuais e coletivos para que as metas se cumpram com o aporte de todos (Fluegelman, 1981).
- Os jogos não devem promover a eliminação de participantes: o design do jogo procura a incorporação de todos. A busca do resultado tende à eliminação dos mais débeis, os mais lentos, os mais trôpegos, os menos "aptos", os menos inteligentes, os menos "vivos", etc.. A eliminação se acompanha da rejeição e a desvalorização; o jogo tem que buscar incluir e não excluir. (Fernández Rio, 1999)
- A proposta implica a tomada de decisões para solucionar problemas, requer da superação coletiva de algum obstáculo externo ao grupo e para alcançá-lo, se necessita do aporte de cada um dos participantes, não só dos "melhores", dos "mais fortes" ou dos "mais hábeis". (Strachan ; Maccauley, 1997)
- É importante implementar uma variedade de jogos em que todos os participantes possam ser aceitados e experimentar, pelo menos, um grau moderado de sucesso. (Orlick; Zitzelsberger,1995).
- Os jogos devem facilitar o processo de criar: criar é construir e para construir, a importância do aporte de todos é fundamental. Se as regras são flexíveis, os participantes podem contribuir para reformulá-la; os jogos se podem adaptar ao grupo, aos recursos, ao espaço disponível e ao objetivo da atividade. Alguns jogos competitivos são de estrutura rígida e dependentes do cumprimento das regras, de espaços e materiais determinados. (Martins; [Bicudo], 1989)
- Definitivamente, os jogos cooperativos podem ter características coerentes com o trabalho em grupos e o desenvolvimento do ser humano. (Orlick, 1986).

A diferença do que sucede com os jogos ao uso (competitivos), dominantes na atualidade, os de tipo cooperativos se enfatizam as estratégias lúdicas da participação, a comunicação, a cooperação, dessa maneira que não há perdedores nem ganhadores. Todos participam por igual sem ficar ninguém excluído. O objetivo do jogo não é ver, pois, quem ganha ou perde, quem é capaz de conseguir ou não, mas em participar juntos para buscar o prazer, a comunicação e o apreço de todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que a escola pode ser um espaço qualificado para aplicar propostas educativas para resolver conflitos e de aprendizagens para a tolerância. Tenho a esperança, que o jogo cooperativo pode ser um instrumento mediador para a formação moral, política, crítica e social das crianças. Podemos na educação ter uma intervenção educativa para a tolerância e para resolução de conflitos por vias não violentas. “ *Pienso que una pedagogía posible es la pedagogía de la esperanza, de la paz y del LÚDICO*” (Almeida, 2007). Todo e qualquer momento educativo é propício para abordar e compartilhar as seguintes dimensões propostas pela UNESCO, que são:

1. **Tolerância:** Reconhecimento do direito dos demais a existir e a viver.
2. **Sociabilidade:** Consciência positiva da presença dos demais em nossa esfera social.
3. **Respeito pelas diferenças:** Reconhecimento dos aspectos positivos da diversidade.
4. **Compreensão da singularidade:** Valoração da diversidade humana nas suas diferentes manifestações.
5. **Complementaridade como princípio da aceitação das diferenças:** Capacidade de integrar as diferenças com o fim de enriquecer e fortalecer a sociedade.
6. **Reciprocidade como base da cooperação:** Capacidade de conceber e promover o logro de objetivos comuns mutuamente vantajosos para grupos diversos.
7. **Cultura de paz:** Reconhecimento da interdependência e dos valores universais; compromisso de perseguir ordenamentos positivos da diversidade em um mundo interdependente. (UNESCO-França, 1994). Formar crianças capazes de cumprir com seus deveres e exercer seus direitos como cidadãos de uma sociedade aberta e plural é uma tarefa educativa muito difícil na atualidade, mas não é impossível. Devemos rapidamente instrumentalizar, oferecer e compartilhar com as nossas crianças conteúdos educativos que possam permitir que elas resolvam os conflitos de forma pacífica e por vias não violentas.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Escolas de Paz**. Brasília: UNESCO, Governo do Estado do Rio De Janeiro / Secretaria de Estado de Educação, Universidade do Rio de Janeiro, 2001.

ALMEIDA, M.T.P. *Jogos cooperativos e transdisciplinaridade*. In: *III Congresso internacional de transdisciplinaridade, complexidade e ecoformação*. Brasília – BR: Universidade Católica de Brasília, 2008. ISBN: 978-85-88262-18-8 (publicação digital)

ALMEIDA, M.T.P. **El juego cooperativo y la cultura de la paz en la educación infantil**. V Congreso Internacional de actividades físicas cooperativas, 30 de xuño al 3 de xullo de 2006, Concello de Alfareros. 1ª ed. Valladolid-España. La Peonza Publicaciones, 2006, pp.1-29.

ALMEIDA, M.T.P. **Los juegos cooperativos em la educación física: una propuesta lúdica para la paz**. In: *Juegos Cooperativos. Tándem. Didáctica de la Educación Física*, nº 14 Ano 4. Barcelona-ES: GRAÓ, 2004, pp. 21-31.

CASCÓN, Paco Soriano. **Educar en y para el conflicto**. España-Barcelona. <http://www.edualter.org/material/mate1500.htm>. (página consultada em 2/03/2008)

- CORREIA, M.M. **Jogos cooperativos: perspectivas, possibilidades e desafios na educação física escolar.** Revista Brasileira Ciência Esporte. Campinas (SP), v. 27, n. 2, p. 149-164, jan.2006.
- DARIDO, S.C. **Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades.** Perspectivas em Educação Física Escolar, n.2, (supl. 1), p. 5-25, 2001.
- DARIDO, S.C. et al. **A Educação Física, a formação do cidadão e os PCNs.** Revista Paulista de EF. São Paulo, n. 15, v. 1, p. 17-32, 2001
- DEVÍS, J. Y PEIRÓ, C. **Enseñanza de los deportes de equipo: la comprensión en la Iniciación de los juegos deportivos.** En D. Blázquez (Ed.), *La iniciación deportiva y el deporte escolar* (pp.333-350). Barcelona: INDE, 1995.
- DEVÍS, J. Y SÁNCHEZ Gómez, R. **La enseñanza alternativa de los juegos deportivos: antecedentes, modelos actuales de iniciación y reflexiones finales.** En J.A. Moreno y P.L. Rodríguez (Eds.) *Aprendizaje Deportivo* (159-181). Murcia: Universidad de Murcia, 1996.
- DISKIN, Lia. **Texto publicado no Guia de Cultura de Paz.** Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz, 1ª Ed. São Paulo, 2007.
- DISKIN, Lia & ROIZMAN, Laura Gorresio. **Paz como se faz? Semeando cultura de paz nas escolas.** Rio de Janeiro. Governo do Estado do Rio de Janeiro: UNESCO – Associação palas Athena, 2002.
- FERNÁNDEZ-RÍO, J. **La metodología cooperativa como marco para la socialización en el aula de E.F.** *Actas del XVII Congreso Nacional de E.F. vol. I.* U. De Huelva, 1999.
- HERMOSO, Y. **Las habilidades gimnásticas desde un tratamiento cooperativo-expresivo en la E.S.O.** *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 7, 41. 2001.
- INFORME DELORS. **La educación encierra un tesoro.** Informe a la UNESCO de la Comisión Internacional para la educación del siglo XXI. 1998.
- JARÉS, Xesús R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática.** Trad. Fátima Murad , 2ª ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- JARÉS, Xesús R. **El placer de jugar juntos: nuevas técnicas y juegos cooperativos.** Madrid: CCS, 1992.
- OMEÑACA, Raúl, PUYUELO, Ernesto & RUIZ, Jesús Vicente. **Explorar, jugar, cooperar: bases teóricas y unidades didácticas para la educación física escolar abordadas desde las actividades, juegos y métodos de cooperación.** Barcelona: Editorial Paidotribo, 2001.
- OVEJERO, A. **Cómo enfrentarnos a los problemas de la integración escolar: Una alternativa psicosocial a la educación escolar.** Revista Galega de Psicopedagogía, 8/9, 67-80, 1994.
- OVEJERO, A. **El aprendizaje cooperativo: Una alternativa a la enseñanza tradicional.** Barcelona: P.P.U. 1990.
- ORLICK, Terry. **Juegos y deportes cooperativos.** Madrid: Popular, 1986.
- ORLICK, Terry. **Libres para cooperar, libres para crear (nuevos juegos y deportes cooperativos).** Barcelona: Paidotribo, 1990.
- PUJOLÀS, P. **Aprender juntos alumnos diferentes. Los equipos de aprendizaje cooperativo en el aula.** Barcelona: Eumo-Octaedro, 2004.
- STRACHAN, K.; MACCAULEY, M. **"Cooperative learning in a high school P.E. program".** *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 68, vol. 1 suplement A-69, 1997.

UNESCO. **La tolerancia, umbral de la paz Guía didáctica de educación para la paz, los derechos humanos y la democracia.** Paris- Francia: Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 1994. (versión preliminar)

VANZÁN, J. **¿Competición o cooperación?**. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 5, 26. 2000.